MARCAS DA LGBTFOBIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PERIFERIA DE FORTALEZA/CE

Ramon Fernandes Ramos [1], Francisco Vitor Macedo Pereira [2]

RESUMO

As práticas de violência contra alunos que desafiam a norma heterossexual na escola apesar de sutis, inodoras e incipientes deixam marcas profundas na vida de estudantes LGBT ainda hoje, muito embora haja registros de homossexualidade por volta 1200 A.C. numa evidência natural da sua presença na vida humana. Autores como William Naphy (2006 apud Lacerta Neto, 2007) afirmam que as relações entre pessoas do mesmo sexo faziam parte da cultura e ganhavam relevo em várias atividades sociais. A Sexualidade no contexto social, no sentido mais amplo do termo demanda por novos estudos e novas contribuições que possam facultar ao homem e à mulher, a possibilidade da realização plena de seus sentimentos, independentemente de quais valores sociais se inserem. No campo do sexo, as realizações plenas de performances legitimadas pelos desejos e possibilidades individuais esbarram nos limites impostos pela ordem social estabelecida que dita um padrão e faz uso da força - discriminação sexual, Lgbtfobia – para quem dele “se desvia”.

Palavras-chave:

LGBTFOBIA. ESCOLA. ALUNOS.

[1] UNILAB, MIH, Discente, e-mail: ramonframos1@gmail.com
[2] UNILAB, MIH, Docente, e-mail: vitor@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

A homossexualidade ou outra possibilidade no contexto social ou mesmo a sexualidade humana no sentido mais amplo do termo demanda por novos estudos e novas contribuições que possam facultar ao homem e à mulher, a possibilidade da realização plena de seus desejos, de seus sentimentos independentemente de quais valores possa a sociedade está abraçando. A busca de realizações plenas a partir de performances legitimadas não pela ordem social, mas pelos desejos individuais e possibilidades de cada um, desafia as ciências sociais a compreender o universo das possibilidades sexuais da criatura humana. Nessa pesquisa, me coloco antes de tudo como indivíduo que comunga das dificuldades dos Jovens LGBT's que ora se apresentam voluntariamente a participarem dessa pesquisa, uma vez que, assim como eu, percorreram as entranhas violentas da LGBTfobia e ao seu modo conseguiram resistir, superar dificuldades e alcançar o êxito dentro da escola, fugindo da margem ou da prostituição para onde eram normalmente esperados. É relevante citar que os alunos do ensino médio ainda se encontram em formação de suas personalidades e de suas identidades e são moldados ou forjados por uma infinitude diversificada de violências invisíveis e silenciosas no âmbito social, mas muito tangíveis do ponto de vista do indivíduo. Submetidos a essa força social que corrompe sonhos, destitui vidas, demarca limites para realizações e possibilidades, os jovens protagonizam movimentos reacionários que se traduzem em variadas respostas que ora perscrutamos entender a partir da leitura das histórias de vida dessas personagens. Essa tenebrosa redoma social sobre os LGBT's, se por um lado empurram jovens para a margem, por outro causa imenso prejuízo social uma vez que não se pode mensurar quantos artistas se perderam, quantos talentos foram dizimados lentamente por irem de encontro a heteronormatividade.

É preciso ter em conta que estudar esses sujeitos está longe de representar a totalidade das discussões sobre homofobia, mas que pode auxiliar na compreensão dos meandros da discriminação sexual, suas formas de ação e que respostas individuais são dadas através dos enfrentamentos e naturais resistência a eles associados. Ou seja, podemos colaborar com os movimentos LGBT's de forma mais positiva no contexto desse tema.

A singela contribuição dessa investigação se justifica na medida em que o universo desses e dessas adolescentes em situações diversas permita ampliar os estudos sobre LGBTfobia enriquecendo e instigando campos de pesquisas e gerando novas possibilidades aos movimentos que lutam pela inclusão social verdadeira cujos os indivíduos dentro da escola tenham acesso à educação, à aprendizagem e, especialmente ao respeito as suas escolhas ou expressões da sua sexualidade. A nossa contribuição sobre esse tema se associa a autores como Louro (2014, p.126) entre outros, ao não patrocinar soluções "mágicas" para as questões relacionadas ao universo homossexual escolar, uma vez que estratagemas dessa magnitude atrapalham o avanço das discussões sobre as relações de gênero em sua essência. Sobre esse ponto, ela diz "...Evidentemente, pretender um exame global da sociedade brasileira ou encaminhar "receitas" e soluções para uma prática educativa não sexista que se mostrasse "adequada" a essa pretensa "realidade" seria uma incoerência face à perspectiva que atravessou análises até aqui desenvolvidas. Seguramente as múltiplas diversidades sociais construídas ou percebidas no país produzem ou possibilitam condições também muito distintas de intervenção. Se existe algo que pode ser comum a essas iniciativas talvez seja a atitude de observação e de questionamento – tanto para com os indícios das desigualdades como para com as desestabilizações que eventualmente estão ocorrendo. Esse "afinamento" da sensibilidade (para observar e questionar) talvez seja a conquista fundamental para a qual cada um/uma e todos/as precisaríamos nos voltar. Sensibilidade supõe informação, conhecimento e também desejo e disposição política. As desigualdades só poderão ser percebidas – e desestabilizadas e subvertidas – na medida em que estivermos atentos/as para as suas formas de produção e reprodução. Isso implica operar com base nas próprias experiências pessoais e coletivas, mas também, necessariamente, operar com apoio nas análises e construções teóricas que estão sendo realizadas."

Assim, compreendendo a natureza lgbtfóbica numa escola, pelo menos em parte, podemos nos informar e dialogar ou subsidiar novas empreitadas. O trabalho a que proponho opera nas experiências individuais e coletivas dos/das jovens com subsídios da Teoria Queer como foi dito anteriormente. Sobre as questões políticas, um fator importante a destacar é que a escola sobrevive presa aos modelos políticos de cada gestão

governamental, isto é, não dispõe de políticas estáveis o suficiente que garantam ao jovem homossexual uma educação desvinculada de violências ou conflitos. Não existem instâncias que protejam lésbicas da discriminação seja de seus pares (outros alunos e outras alunas), de seus professores ou demais atores escolares. No que pesa as questões jurídicas, traduzidas pelo Plano Estadual de Educação, observa-se entre as estratégias e metas a completa ausência sobre as discussões de gênero ou políticas voltadas para o universo LGBT.

METODOLOGIA

As violências para com a comunidade LGBT é inegável, real e esperamos buscar nas discussões e narrativas elementos-chave que favoreçam a compreensão dessa problemática na vida de cada um desses voluntários e possa se reverter em conhecimento para novas ações ou pesquisas. Mas para isso, é preciso que o olhar do investigador supere o sentimentos pessoais e emocionais para melhor penetrar nos sistemas e nuances advindos dos sujeitos pesquisados e suas relações pessoais. O pesquisador estando em pontos privilegiados alcançados a partir da convivência e observação de alguns anos imersos nessa realidade pode contribuir com suas impressões e percepções para desnudá-la indo além da superfície. Nessa posição tenho condições interagir com elementos ocultados pelas fragilidades e vulnerabilidades que todos os LGBT's se encontram expostos involuntariamente. Também é preciso, buscar estabelecer um diálogo com os teóricos, Louro, Miskolci e Butler para que esses anos de observação não estejam comprometendo ou "embaçando" o olhar do observador. busca-se, assim discutir as violências que quatro estudantes do ensino médio foram submetidos ao longo dos anos da vida escolar e como reagiram e conseguiram reverter à situação desafiadora. Ao discutir com eles, em contato mais próximo, na intimidade de seus lares, tanto quanto possível ou em algum ambiente acolhedor, buscarei registros de situações que vivenciaram e suas atitudes de diante desse contexto. Ao apresentar essa narrativas, busco também compreender o papel atuante da escola na vida do aluno e da aluna. Será que a instituição de ensino é promotora ou reprodutora da LGBTFOBIA? Se omitiu ou legitimou sua ação? Como a escola atuou efetivamente para com esses estudantes? Numa pequena escola pública da periferia da Capital do Ceará, mergulhamos no universo dessas pessoas e sua situação de enfrentamento da Lgbtfobia tendo a escola como principal palco e com vários atores diferentes participantes. A partir desse estudo etnográfico, almejo traçar um perfil relacionando Política Educacional, Práxis pedagógica e narrativas de alunos Lgbt submetidos simultaneamente à política e práxis. Os caminhos metodológicos do trabalham precisam necessariamente fazer uma análise das ações pedagógicas da Escola, suas práticas e diretrizes. Do universo de alunos da Escola Eudoro Corrêa, identifiquei alunos e alunas que identificam ao grupo LGBTT e que espontaneamente pudessem participar da pesquisa. Está na gestão da escola, a relação de proximidade e a identidade de gênero em comum nos permitirão traçar estratégias de entrevistas individuais ou coletivas, respostas de questionários simples, apresentações pessoais, podem ser as técnicas elaboradas para a pesquisa, mas que será o tempo no decorrer da pesquisa que ditará melhor quais os instrumentais adequados para cada interlocutor a ser entrevistado, é possível se for necessário visitar aos lares desses sujeitos na tentativa de compreender a vida dessas pessoas tão subjugadas e afeitas à marginalização e ao escárnio. Para escopo desse trabalho, a despeito de muitas possibilidades para relações sociais na escola, vamos analisar, a partir das observações diretas e relatos dos estudantes, as formas aluno x aluno, aluno x professor, aluno x funcionários, aluno x gestão e aluno x família a partir da qual buscaremos identificar onde as minúcias da LGBTfobia, suas nuances e consequências para a vida dos e das estudantes participantes da pesquisa. A análise dessas relações ficarão associadas as observações dos fatos ocorridos no cotidiano da escola e pelo discursos advindo dos relatos discutidos. A compreensão das relações sociais na escola e suas expressões sinalizam uma concepção de escola que se tem e sua respectiva política pedagógica. A escola se apresenta como fragmento da práxis social em que reflete as contradições dialéticas das relações sociais. (Miranda, 1985 apud Albuquerque, 1992). Disputas pelo poder e movimentos de resistência e contrários ao sistema exemplificam a complexidade das relações dentro do ambiente escolar. Entre os principais elementos compõe o cotidiano das relações sociais na escola está a disputa entre os movimentos educacionais promotores e mantenedores da ideologia vigente que se estabelecem através do currículo e a dinâmica de enfrentamentos contrárias a ordem dominante ao modelo estabelecidos. Inicialmente a escolha

dos sujeitos participantes e da unidade de ensino para a investigação se deu pela facilidade, a priori ao acesso ao contato dos alunos e das alunas e também aos instrumentais político-pedagógicos. Outro fator colaborador foi considerar que me encontro na escola há oito anos e apesar de não estarem sistematizadas, tenho várias observações acerca de fatos e práticas homofóbicas na escola. A busca para formar um grupo de pesquisa iniciou-se em 2017 com a constituição de um grupo de alunos LGBT que participaram de um movimento que chamaram de ocupação das escolas. Na época, em conversas informais discutimos alguns temas esses alunos se prontificaram a participar da pesquisa que aqui se apresenta. Posteriormente, foi feito um questionário e aplicado com mais oito alunos. Tanto o questionário preliminar quanto o grupo informal com caráter de grupo focal serviram de escopo para selecionar o corpus de prova do trabalho. Ao todo foram selecionadas quatro participantes de três categorias LGBTT, identificadas aqui como Sininho – Travesti Branca; Garfield – Homem trans Negro; Pocahontas – Lébisca, Parda e namorada do Garfield e O príncipe – Gay, homossexual Masculino, branco.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sininho, a primeira entrevistada, designada como gênero tradicional masculino, homem, segundo a biologia, e saudável até o momento de contrair o vírus da aids que aconteceu após o início da pesquisa. Sininho assume a identidade divergente da designada e passa apelidar-se com um nome corresponde ao seu na versão feminina. No período em que fazia o 1º ano do Ensino Médio, sofreu com seus professores de matemática, que "cobravam" maior empenho dela na disciplina, mas se recusavam a chamá-la pelo nome social ou reconhecê-la no universo feminino. Expressões como: "sem futuro"; "não quer nada vida" ou "ovelha negra" fluíam naturalmente pelos corredores. O argumento dos professores se intensificava em torno da sua não aprendizagem, sua infrequência – que passou a ser alta especialmente no dia das aulas de matemática – mesmo sem haver citações acerca da sua conduta para além do baixo rendimento escolar. Sininho partia de casa todos os dias rumo à escola e quase sempre era vista nos portões de entrada com seu cigarro, arrumada para uma "noite" e não para assistir a uma aula às sete horas da manhã. Não estranhava o vestiário, pois a moça fazia de tudo o possível para não usar o fardamento escolar e sempre se portava em vestidos longos ou minissaias fazendo "valer-se" da exposição do seu corpo privilegiado, de seu andar altivo em seu salto. A moça também protagonizou um dos momentos mais transfóbicos que pude relatar durante essa fase da pesquisa. Não ser respeitada ou chamada pelo nome social, ser apontada ou motivo de chacota de professores e funcionários foram apenas detalhes frente ao assédio sexual que silenciosa e constantemente sofria na escola, mais precisamente no banheiro masculino: ela não tinha condição de frequentar o banheiro masculino pois era vítima de bullying e a assédio sexual dos alunos "héteros" que não paravam de "bulir" com a moça. O segundo personagem de nossas história é o Garfield que trilha o caminho inverso de Sininho. Nascido biologicamente no sexo feminino, logo se reconhece e se identifica com o universo masculino. Assim com a personagem primeira, é na escola que o "gato" assume a condição de homem e passa a fazer uso da indumentária atribuída ao universo masculino. Era a aluno "pro gasto" importava-se apenas em passar de ano, não se ligava aos estudos especificamente e apenas ansiava pela promoção de ano. Concluiu o Ensino Médio e hoje segue trabalhando. Mais ligado a sua popularidade, adotou um nome social e assim como Sininho era desrespeitado dentro do universo escolar especialmente pela secretaria da escola que implicava com seu nome social. Várias vezes era chamado por seu nome feminino de propósito apenas para ser humilhado e como diziam "lembrar o que ele era". Garfield sempre era relacionado à indisciplina e à infrequência, mas nunca se curvou à discriminação ou ao preconceito. E era através dessas dificuldades escolares que ele era discriminado e hoje percebo o quanto se usa a desculpa do rendimento escolar para maltratar os LGBT's. Lembro que até hoje não conseguir me acostumar a chamá-lo pelo nome social o que eu atribuo ao meu próprio preconceito que pensei já estivesse há muito tempo despido dele. É importante ressaltar que diferentemente da Sininho, O Garfield, por sua popularidade e atitude, usava o banheiro feminino, mantendo esse relacionamento abertamente dentro da escola e não deixava de namorar com as pessoas da escolas observando. Sua atitude era de risos da "cara" deles, dizia, e pouco se importava com a opinião alheia ou pouco refletia sobre sua atitude de resistência. Ao contrário da Sininho que se evadiu, ele concluiu o ensino médio e procurei entender como ele transitou pela escola com

mais “facilidade”. Duas questões pode ser aprofundada na discussão do resultado: a personalidade dele por um lado, e a participação em atividades pedagógicas extracurriculares, como a banda da escola, onde construiu um sentimento de pertencimento e também de posicionamento firme quanto as duas opiniões. A Pocahontas é a terceira participante do corpus. É lésbica e se identifica com o universo feminino. Protagonizava cenas de namoro dentro da escola sem se importar com as opiniões discriminatórias que sofria. Poca se relacionou com durante boa parte da vida escolar com o Garfield que além de ser Lésbica, vive um universo de identidade transitando entre o masculino e o feminino. Para além dos seus relacionamentos e suas notas, é a que menos apresenta-se em processos diretos de violência, a não ser pela constante necessidade de estar se reafirmando a partir das cenas amorosas protagonizadas dentro da escola. Percebo que ela fazia muito o uso do Gato como escudo que a defendia e a colocava longe da discriminação ou violência que pudesse eventualmente atingi-la. É curioso comentar que a mudança performática do Gato para o universo masculino também levou a separação do casal pois a Poca se identifica totalmente com o aspecto feminino. Sua docilidade e sua inteligência saltam entre suas principais características, mesmo sendo uma jovem de distinta beleza. Ela tinha muitas amigas e se permitia se envolver com elas para além da amizade, por vezes foi flagrada aos beijos no pátio da escola e uma das vezes percebi a recriminação que um professor se arvorou em professar. Nessa discussão, outro docente colega próximo se posicionou afirmando que ninguém teria o direito de recriminá-la pelo simples fato de casais heterossexuais estarem fazendo o mesmo na escola. Deveria haver coerência em relação a isso, o que o docente inicial se calou e eu apenas observei atento ao diálogo sem emitir opinião imediata. Pocahontas concluiu o Ensino Médio juntamente com o Garfield e assim como ele, encontra-se fora da estatística da evasão. O quarto de nossas personagens é o Príncipe, por sua elegância e educação em contraponto à sua condição material complicada. O jovem, homossexual masculino, entra na discussão para trazer a família para o contexto da pesquisa. A partir da suas primeiras informações relatou que foi expulso de casa pelo pai ao tomar conhecimento da homossexualidade do filho. Inicialmente, ao começar a expandir-se em suas vivências homossexuais, foi barrado pelo pai. Fora esse episódio familiar que veio respingar dentro da escola, o Príncipe sempre esteve entre os melhores alunos da escola, especialmente na área das humanidades, mas nem por isso deixou de assumir a função bolsista no laboratório da escola.

CONCLUSÕES

De um modo geral, nossas personagens e suas narrativas apresentam o tema de forma viva e interessante para ser discutido nesse e outros possíveis trabalho. O que fazer quando as famílias não aceitam seu filhos e de suas filhas homossexuais? Ou quando a escola não dá as condições para os filhos e filhas dessa famílias estudarem e se tornarem cidadãos letrados dentro de uma sociedade tão exige como a atual. Além disso, notadamente as famílias, têm sistematicamente transferido responsabilidades a escolas para além da instrução, para a educação de valores Daí uma questão fundamental salta aos nossos olhos cuja especulação levar a reflexão sobre quais valores a escola resguarda para educação de seus estudantes. A escola não está preparada para ser “mãe” ou “pai” de aluno num contexto da escola sem partido e nem para arcar com as consequências advindas dessa transferência de poder. Todos esses alunos e alunas estiveram sobre as minhas observações como professor e como coordenador escolar. Todos concluíram o ensino médio em 2017, exceto a Sininho que abandonou a escola por ter contraído o vírus da Aids e se afastou para tratamento, mas retomou os estudos em outra instituição. A questão seria o quão fortes e resilientes foram esses jovens pois, sofreram discriminação e a seu modo seguiram suas vidas. Trazer suas narrativas de vida para a pesquisa nos possibilita ampliar as discussões envolvendo a escola, as políticas educacionais e a família em torno das questões acerca da LGBTfobia, sobretudo na compreensão das relações entre assujeitamento, sociabilidades e resistências à ordem estabelecida. A ordem estabelecida na escola como heteronormativa impede naturalmente que os LGBT’s possam transitar livremente pelos corredores da escola. Tentar escapara a norma leva a conflitos, violências, traumas sentidos na pele por esses jovens que tem seus direitos de amar e realizar-se ceceados por valores impostos pelos interesses alheios. A máquina da educação é feita para manter o padrão social custe o que custar não importando os sentimentos individuais ou as possibilidades de cada um. A subversão da ordem só ocorre a custa de embates e enfrentamentos mas que se tornam sempre necessários uma vez que o ser humano, por sua natureza exploratória, tende a romper com a norma ou o

modelo - a regra que o subjuga. A escola como reprodutora do padrão social vigente fará o possível para manter a sociedade como se encontra e por isso usará de todos os métodos para realizar seus objetivos. Essa ação da escola vai de encontro a necessidades que educandos e educandas tem em seu íntimo, especialmente gays, lésbicas e travestis. A partir das narrativas, algumas questões passar a ter a possibilidade de serem discutidas e reelaboradas quanto ao papel de escola e de educadores no trânsito do ensino escolar para alunas travestis, trans, gays ou lésbicas. Discutir a realidade escolar, compreender nuances dentro dos mantos invibilizantes dos padrões e números escolares seriam estratégias importantes para superar as "dificuldades" na escola na tentativa de aprofundar a discussão sobre as reais possibilidades que os LGBT's têm e que é possível apesar de tudo e todos/todas "vencer" a escola e a lidar tão bem com o universo com o qual se identifica.

AGRADECIMENTOS

A Deus

À família

À Universidade

Aos Orientadores, Francisco Vitor Macedo Pereira, Carlos Eduardo Bezerra.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. (Org.). Juventude e sexualidade. Brasília: UNESCO, 2004.
ANDRADE, Luma Nogueira de. Travestis na escola: assujeitamento e resistência a ordem normativa. 278 f.. : il. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2012.
ALBUQUERQUE, Targélia; ANDRÉ, Marli & LEITE, Siomara. RELAÇÕES SOCIAIS E SUA EXPRESSÃO NO COTIDIANO ESCOLAR. Artigo. Revista Tópicos Educacionais v. 10, n. 1/2, p. 80-64, Revista do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.
BOURDIEU, Pierre. Os usos da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 1997.
BUTLER, Judith. Questões de gênero. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
CEÁRA. PLANO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO – PEE in DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO CEARA, 2016. ANO VIII Nº101, FORTALEZA, 01 DE JUNHO DE 2016.
LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
CARVALHO, Antonia Gabrielly Monteiro. Diversidade Sexual e Educação: Uma abordagem sobre a problemática da homofobia no ambiente escolar. Redenção, 2015. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras). Instituto de Humanidades e Letras Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, Redenção/CE, 2015.
CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. 6ª ed.
FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro. 26.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP: Universidade Federal de Ouro Preto, 2016